



Instructions for authors, subscriptions and further details:

<http://remie.hipatiapress.com>

Dialogic Learning: Basis for Education & Transformation in Brasil

Francisca Constantino, Adriana Marigo y Raquel Moreira¹

1) Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa – Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas – Universidade Federal de São Carlos, Brasil.

Date of publication: October 15th, 2011.

To cite this article: Constantino, F., Marigo, A. & Moreira, R. (2011). Aprendizagem Dialógica: Base para Educação e a Transformação Social no Brasil. *Multidisciplinary Journal of Educational Research*, 1(1), 53-78. doi: 10.4452/remie.2011.03

To link this article: <http://dx.doi.org/10.4452/remie.2011.03>

PLEASE SCROLL DOWN FOR ARTICLE

The terms and conditions of use are related to the Open Journal System and to Creative Commons publishing system.

Dialogic Learning: The Basis for Education & Social Transformation in Brasil

Francisca Constantino, Adriana Marigo & Raquel Moreira
Universidade Federal de São Carlos

Abstract

The present paper aims to introduce the Nucleus of Investigation and Social and Educational Action (NIASE), which is an academic nucleus in Brazil whose practices are based on the concept of dialogic learning (Flecha, 1997) as well as on the communicative action theory by Jürgen Habermas and on the concept of dialogicity by Paulo Freire. Dialogic learning is the result of dialogue directed to the overcoming of social and educational challenges which can be achieved through seven articulated principles: egalitarian dialogue, cultural intelligence, transformation, instrumental dimension, creation of meaning, sympathy and equality of differences. NIASE, which was founded in Brazil in 2002 with the purpose of working with education, research and extension, has found in dialogic learning the support for the democratic organization of schooling and non-schooling educational environments, whose participants decide on seeking learning qualification and the social respect from the involved groups. As a result of such actions, the concept of dialogic learning has made an impact on education and academic production in Brazil, therefore contributing to consolidate the social commitment and the dialogue between the scientific community and the broader context in which it is involved.

Keywords: University, Knowledge, Communicative Action, Dialogicity.

Aprendizagem Dialógica: Base para Educação e a Transformação Social no Brasil

Francisca Constantino, Adriana Marigo & Raquel Moreira
NIASE - Universidade Federal de São Carlos

Resumo

Este trabalho visa apresentar o Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE), núcleo acadêmico do Brasil, cujas práticas se apoiam no conceito de aprendizagem dialógica (Flecha, 1997), com fundamentação na teoria da ação comunicativa, de Jürgen Habermas e no conceito de dialogicidade de Paulo Freire. A aprendizagem dialógica é produto do diálogo orientado à superação de desafios sociais e educativos, cuja concretização está proposta a partir de sete princípios articulados: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças. Criado no Brasil, em 2002, para atuar em ensino, pesquisa e extensão, o NIASE recorre ao conceito de aprendizagem dialógica para apoiar a organização democrática de espaços formativos escolares e não escolares, cujos participantes decidem buscar a qualificação da aprendizagem e o respeito social dos coletivos envolvidos. Como resultados dessas ações, o conceito de aprendizagem dialógica apresenta impactos sobre a escolarização e a produção acadêmica do Brasil, contribuindo para consolidar o compromisso social e o diálogo entre a comunidade científica e o contexto mais amplo que a envolve.

Palavras-chave: Universidade, conhecimento, ação comunicativa, dialogicidade.

Desde as últimas décadas do século XX, a educação vem sendo apresentada como direito institucionalizado em todo o mundo. No Brasil, a democratização da educação vem demandando essas ações concretas para a superação de desafios historicamente estabelecidos. Nesse cenário, as universidades são chamadas a participar junto à comunidade, contribuindo para alicerçar conhecimentos e práticas que efetivamente contribuam para a educação de todas as pessoas e em diferentes âmbitos formativos.

Com a pretensão de destacar o papel fundamental dessas instituições nos processos de garantia de direitos e de melhorias das condições de vida das populações, neste trabalho, pretendemos apresentar o Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa da Universidade Federal de São Carlos (NIASE), do Brasil. Esse núcleo acadêmico toma, para suas práticas, o conceito de aprendizagem dialógica (Flecha, 1997), elaborado pelo Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades da Universidade de Barcelona/Espanha (CREA), com base na teoria da ação comunicativa, de Jürgen Habermas (1981/2001)¹ e no conceito de dialogicidade, de Paulo Freire (1995/2005).

Para desenvolvermos este texto, quatro apartados serão apresentados. Examinaremos primeiramente o conceito de aprendizagem dialógica, tendo em vista compreender suas contribuições para o cenário social e educacional em que nos encontramos. Faremos isso, destacando os conceitos de “ação comunicativa” e de “dialogicidade” como bases fundamentais para as práticas sociais e acadêmicas relacionadas à educação.

Em seguida, apresentaremos o NIASE, cuja proposta recorre ao conceito de aprendizagem dialógica para se voltar ao ensino, à pesquisa e à extensão. Dessa forma, pretendemos retomar brevemente as circunstâncias de sua criação e fundamentar as práticas e as ações originalmente desenvolvidas pelo núcleo.

No terceiro apartado, focalizaremos a configuração atual desse núcleo e os principais resultados de sua proposta pautada na busca pela concretização do conceito de aprendizagem dialógica, nas relações entre o contexto acadêmico e o social. Com isso, pretendemos destacar seus impactos sobre a produção do conhecimento e a realidade educacional brasileira.

O conceito de Aprendizagem Dialógica como base para práticas educacionais

Nas últimas duas décadas do século XX, assistimos a grandes mudanças, tanto no campo socioeconômico e político quanto no da cultura, da ciência e da tecnologia.

Segundo Castells (1999), durante a década de 1970, houve uma mudança de paradigma em nossas relações sociais, econômicas e políticas. A sociedade industrial foi superada por um novo tipo de sociedade, gerada ao redor das novas tecnologias da informação. Esta “nova” sociedade, segundo Elboj, Puigdemívol, Soler & Valls (2002), recebeu diferentes denominações: sociedade da informação, sociedade do conhecimento e sociedade cognitiva, posto que todas essas ideias remetem-nos às capacidades intelectuais e aos recursos tecnológicos de tratamento da informação, diferentemente da sociedade industrial, cujo foco estava centrado na produção como fonte de riqueza, como fatores-chave da economia.

Ao passo que, na sociedade industrial, o foco estava centrado na produção como fonte de riqueza, na sociedade da informação, o foco recai na informação que se pode gerar sobre um produto para que tenha êxito no mercado, de maneira que a força produtiva passa a se concentrar mais nas capacidades reflexivas do que nas reprodutivas do intelecto. Enquanto que a informação e os recursos intelectuais passam a ser a matéria prima do mercado econômico, o êxito das organizações econômicas e sociais reside na capacidade de gerenciar informações e conhecimento, demandando pessoas com capacidades para se adaptar aos requerimentos do entorno em constante transformação. Sendo assim, o sucesso das organizações econômicas e sociais reside na capacidade de demonstrar que, para gerar informação e conhecimento, é necessário que haja pessoas com capacidades para se adaptar às demandas de um contexto em constante mudança.

Os novos processos de industrialização e de expansão dos mercados em várias regiões do mundo ampliaram o alcance e a escala da economia global, estabelecendo uma base multicultural de interdependência econômica. As redes de capital, trabalho, informação e mercados entrelaçam, mediante a tecnologia, as pessoas e as localidades mais desenvolvidas do mundo, ao passo que desconectam as redes com aquelas

populações e territórios desprovidos de valor e interesse para a dinâmica do capitalismo globalizante (Castells, 1999). Nesse sentido, enquanto que o conhecimento, a informação e a tecnologia se convertem em fontes diretas de movimentação social, poucas pessoas estão suficientemente preparadas para ocupar os postos de trabalho recentes. Por outro lado, Flecha, Gómez e Puigvert (2001) afirmam que, nessa nova lógica, a importância dada ao capital humano favorece a construção de vias para superar velhas desigualdades entre ricos e pobres, o que não se torna possível se os segmentos mais desfavorecidos forem impedidos de acesso a uma educação de qualidade. Diante disso, de maneira sem precedentes, a educação escolar adquire o crucial papel de facilitar a aprendizagem daqueles conhecimentos e técnicas que socialmente são considerados básicos e cuja falta de domínio aprofunda a desigualdade social, em uma sociedade caracterizada por aceleradas mudanças, sob a ação do desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Como vimos, há que se considerar que a formação requerida, neste momento, deixa de ser especializada e excessivamente técnica e passa a ser polivalente e flexível.

Ademais, sob a ação da globalização em todos os âmbitos da vida, a sociedade da informação cria, por um lado, novos parâmetros de risco e perigo, e, por outro, possibilidades benéficas para a humanidade e para a convivência entre diferentes culturas. Com caráter multicultural, as demandas reflexivas dessa sociedade transcendem os limites das atividades produtivas e se estendem também aos âmbitos cotidianos de vida. Juntamente com as transformações que levam alguns teóricos (Flecha, Gómez e Puigvert, 2001) a denominarem o atual contexto como o da “sociedade da informação”, acontecem importantes mudanças nas relações sociais e, inclusive, na forma como se gera conhecimento científico e na política internacional.

Essa tendência mostra que, cada vez mais, as pessoas querem que tudo que esteja ligado às suas vidas, suas escolhas e decisões, sejam resolvidas por meio do diálogo e não de forças coercitivas. Evidentemente, isso não significa que as relações de poder tenham desaparecido por completo, mas sim que haja uma crescente tendência em se resolver os conflitos por meio do diálogo. Flecha, Gómez e Puigvert (2001) destacam que, no contexto atual, as pessoas têm se empenhado por decidirem por si próprias os rumos de suas existências, exercendo a agência

humana a despeito das difíceis condições que possam permear suas vidas. Trata-se de um “giro dialógico” nas relações humanas, reconhecido pelas ciências sociais contemporâneas, com reflexos no cotidiano das pessoas como também nas instituições sociais.

Nesse giro dialógico, as pessoas indicam que antigos padrões e normas, os quais costumavam guiar nossas vidas na sociedade industrial, perderam sua legitimidade na atual sociedade, buscando a comunicação e o diálogo para tomar suas decisões neste mundo com múltiplas opções, produzidas em meio aos valores, às normas sociais e aos intercâmbios culturais. Porém, segundo Aubert et al. (2008), nem todas as interações conduzem a máximos níveis de aprendizagem e nem contribuem para a superação de desigualdades educativas. Ao encontro de uma perspectiva mais comunicativa e dialógica, temos o conceito de aprendizagem dialógica, apresentado por Flecha (1997), a partir das contribuições da teoria da ação comunicativa de Habermas (1981/2001) e do conceito de dialogicidade de Paulo Freire (1995/2005).

Em sua teoria da ação comunicativa, Jürgen Habermas (1981/2001) discute o conceito de racionalidade sob a ótica da sociologia, explicando-nos que as ações sociais transformadoras são racionalmente apoiadas na comunicação, quando os sujeitos superam seus pontos de vista subjetivos, por serem capazes de linguagem e de ação. Na prática comunicativa, as pessoas podem estabelecer acordos entre si, ao compartilharem socialmente um saber de fundo, que lhes permita usar sua linguagem como meio de entendimento.

De acordo com Habermas (1981/2001),

o conceito de entendimento remete a um acordo racionalmente motivado alcançado entre os participantes, que se mede por pretensões de validez suscetíveis de crítica. As pretensões de validez (verdade proposicional, retidão normativa e veracidade expressiva) caracterizam diversas categorias de um saber que se encarna em manifestações ou emissões simbólicas. (Habermas, 1981/2001, p. 110)

Sendo assim, a linguagem tem papel central para o entendimento entre as pessoas do coletivo, quando se comunicam de maneira a coordenarem suas ações para alcançarem objetivos comuns. Por sua vez, as ações devem ser coordenadas de maneira que os ouvintes possam entender o significado do que foi dito. Logo, a ação comunicativa compreende uma

que se concretiza por meio da linguagem, mas que nela não se encerra, pois carrega significados a serem validados pela reflexão e pela análise intersubjetiva.

Assim, na perspectiva da aprendizagem dialógica, a situação comunicativa ideal é aquela em que as pessoas se debruçam, a partir de suas diferentes óticas, em torno de objetos da realidade, para compreendê-la melhor e promover ações coletivas pautadas na força dos argumentos aportados e não em argumentos coercitivos relacionados às posições de poder ocupadas por seus participantes. Aqui brevemente expostas, as ideias apresentadas pela teoria da ação comunicativa (1981/2001) se encontram com o conceito de dialogicidade, concebido por Paulo Freire (1995/2005), no conceito de aprendizagem dialógica. No diálogo freireano, as pessoas se encontram para “dizer o mundo” e transformá-lo. Ao relacionar democracia, conhecimento e diálogo, Freire (1995/2005) afirma que

os regimes autoritários são inimigos da curiosidade. Punem os cidadãos por ela. O poder autoritário é bisbilhoteiro e não curioso, indagador. Já a dialogicidade é cheia de curiosidade, de inquietação. De respeito mútuo entre os sujeitos que dialogam. A dialogicidade supõe maturidade, aventura do espírito, segurança ao perguntar, seriedade na resposta. No clima da dialogicidade, o sujeito que pergunta sabe a razão por que o faz. Não pergunta por puro perguntar ou para dar a impressão, a quem ouve, de que está vivo (Freire, 1995/2005, p. 80, grifos do autor).

Assim, na concepção de educação de Paulo Freire, o diálogo não é apenas um método ou uma teoria pedagógica, mas uma práxis que vincula ação humana e comunicação. Para esse educador, homens e mulheres são sujeitos sociais quando estabelecem relações entre si, com o mundo e com o contexto de realidade que os condiciona geográfica, histórica e culturalmente.

Ao mesmo tempo, Freire enfatiza a impossibilidade de dicotomizar “leitura-do-mundo” e “leitura-da-palavra” (Freire & Macedo, 2006). Sendo assim, o conteúdo do diálogo se converte em objeto educativo, quando homens e mulheres igualmente se posicionam em torno de um objeto de conhecimento para apreendê-lo e, ao compartilharem suas compreensões, poderem buscar novas formas de existência. Esses processos de ensino e aprendizagem são considerados como descoberta

criadora para educandas e educandos, educadoras e educadores, com abertura ao risco e a aventura do ser, pois ensinando se aprende e aprendendo se ensina (Freire, 2006).

A partir dessas considerações, fundamentalmente alicerçadas em Habermas (1981/2001) e em Freire (1995/2005), o conceito de aprendizagem dialógica é apresentado como produto do diálogo orientado à superação de desafios interpostos nos coletivos sociais, cuja concretização está proposta em sete princípios: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças. Articulados entre si, esses princípios orientam a busca por práticas mais igualitárias, visando à superação de desigualdades sociais e educativas, conforme assinalado por Flecha (1997).

No primeiro princípio, diálogo igualitário, entende-se que nenhuma idéia vale mais que outra, simplesmente pela posição de poder que o falante ocupa. Todas as ideias são respeitadas para possibilitar uma compreensão mais ampla em torno do desafio que se apresenta pelo coletivo. Nessa perspectiva, as relações se dão de maneira horizontal, de maneira que todas as pessoas tenham as mesmas condições e oportunidades de falar. Assim, um diálogo é igualitário, quando todos os apontamentos são valorizados em função da validade dos argumentos que se expõem (Elboj et al., 2002).

Nessa consideração, o princípio de inteligência cultural propõe que todas as pessoas possuem as mesmas capacidades para dialogar, mesmo que reportadas a contextos diferenciados de formação. Segundo Flecha (1997), existem barreiras “antidialógicas” que devem ser superadas, como as barreiras culturais, sociais e pessoais (de cunho subjetivo). Para superar essas barreiras, não basta vencer as discriminações sexistas, racistas, classistas e “edistas”, mas também há de se superar timidez e inseguranças geradas nas interações sexistas, racistas, classistas e “edisitas” dominantes em nossa sociedade. Ao reconhecermos a inteligência cultural das pessoas, torna-se possível superar a hierarquização entre conhecimentos, contemplando tanto a inteligência desenvolvida a partir das instituições acadêmicas como também nas práticas sociais, evidenciando, dessa forma, as habilidades comunicativas e as cooperativas.

Nesse entendimento, a aprendizagem ocorre ao longo de toda a existência. Essa condição é enfatizada no princípio da transformação,

partir do qual se torna possível entender que, em situações de diálogo, as pessoas aprofundam suas compreensões sobre si próprias e a realidade em que vivem, reconhecendo-se como sujeitos que podem atuar coletivamente e promover transformações históricas e éticas. Assim, podem transformar o sentido de sua existência, superando situações de marginalização social e promovendo ações culturais, com impactos sobre suas relações familiares, trabalhistas e pessoais.

Essa transformação se faz necessária, diante das demandas sociais e educativas que caracterizam o contexto atual, evidenciando o princípio da dimensão instrumental. Nesse entendimento, estão incluídos os conhecimentos e as habilidades que devem ser aprendidas, para que indivíduos e grupos possam orientar sua existência, nos contextos culturais em que se formam.

Defendendo o princípio de criação de sentido, Flecha (1997) afirma que todos podem dar sentido à sua existência e sonhar com novos caminhos em direção a uma vida melhor. Para tanto, é preciso considerar que os contextos educativos devem ser espaços para falar e não para calar, pois o compartilhar de palavras num grupo ajuda a criar continuamente o sentido global das vidas ali implicadas.

Pelo princípio da solidariedade, entendemos a base social para as práticas educativas igualitárias, considerando que as posições de poder, muitas vezes, condicionam as relações humanas e acarretam a exclusão em âmbito social, econômico ou cultural. Diante disso, o respeito e o apoio ao outro para a superação de suas dificuldades, assim como as pequenas ações de solidariedade, possibilitam que seja tecida uma grande rede para que sejam ampliadas as transformações sociais.

Apesar de que a ideia de igualdade esteja proposta na educação contemporânea, podemos identificar que a diversidade humana é também frequentemente utilizada para justificar as desigualdades educativas, a partir do argumento de que a diferença gera de certa forma desigualdade. Entretanto, de acordo com Aubert, Flecha, Garcia, Flecha & Racionero (2008), na perspectiva dialógica, as diferenças culturais devem estar afirmadas como direito a uma educação igualitária, deduzindo-se daí o princípio das igualdade de diferenças. Ao demonstrar que todas as pessoas têm o mesmo direito de ser e de viver de diferentes formas, as diferenças não são consideradas como obstáculo, mas possibilitam maior e melhor conhecimento.

Enfim, tomamos o conceito de aprendizagem dialógica, elaborado pelo CREA, como a base para buscar mudanças sociais e educativas, considerando que, no atual contexto globalizado, as aprendizagens podem ser potencializadas, a partir da conexão entre os conhecimentos que perpassam a vida humana, em contextos cotidianos e acadêmicos. Ao tomarmos brevemente o conceito de aprendizagem dialógica, vislumbramos respostas às exigências sociais e educacionais desse contexto, possibilitando o envolvimento nos processos de decisão, de criação de conhecimentos e de ação no mundo, por parte de todas as pessoas de maneira democrática e respeitosa.

A partir dessas considerações, na próxima seção, trataremos mais especificamente do NIASE, núcleo acadêmico que busca inspiração no conceito de aprendizagem dialógica para todos os trabalhos que desenvolve. Desse modo, poderemos compreender como o conceito de aprendizagem dialógica se concretiza no contexto brasileiro.

A busca pela superação das desigualdades sociais por meio do ensino, da pesquisa e da extensão

Diante das demandas apresentadas neste século XXI, vimos que o conceito de aprendizagem dialógica, desenvolvido pelo CREA, nos traz importantes elementos para a proposta de democratizar o conhecimento no cenário brasileiro. Nesta seção, pretendemos descrever o NIASE, núcleo acadêmico com proposta de ensino, pesquisa e extensão fundamentada nesse conceito. Para isso, retomaremos brevemente as circunstâncias de sua criação e suas ações originalmente desenvolvidas para compreendermos a concretização do conceito de aprendizagem dialógica no contexto brasileiro.

Partindo da consideração de que teoria e prática devem estar articuladas, as atividades do NIASE não estão restritas à produção do conhecimento teórico, mas também estão articuladas às práticas educativas e sociais. Assim, volta-se para o sentido de comunicação e de diálogo apresentados no conceito de aprendizagem dialógica, implicando a presença do outro para a aprendizagem e a existência humana e considerando que a produção do saber não diz respeito apenas ao conhecimento acadêmico, mas se amplia em suas profundas relações com o conhecimento prático elaborado na vida cotidiana.

Diante das demandas apresentadas neste século XXI, vimos que o conceito de aprendizagem dialógica, desenvolvido pelo CREA, nos traz importantes elementos para a proposta de democratizar o conhecimento no cenário brasileiro. Nesta seção, pretendemos descrever o NIASE, núcleo acadêmico com proposta de ensino, pesquisa e extensão fundamentada nesse conceito. Para isso, retomaremos brevemente as circunstâncias de sua criação e suas ações originalmente desenvolvidas para compreendermos a concretização do conceito de aprendizagem dialógica no contexto brasileiro.

Partindo da consideração de que teoria e prática devem estar articuladas, as atividades do NIASE não estão restritas à produção do conhecimento teórico, mas também estão articuladas às práticas educativas e sociais. Assim, volta-se para o sentido de comunicação e de diálogo apresentados no conceito de aprendizagem dialógica, implicando a presença do outro para a aprendizagem e a existência humana e considerando que a produção do saber não diz respeito apenas ao conhecimento acadêmico, mas se amplia em suas profundas relações com o conhecimento prático elaborado na vida cotidiana.

Essa proposta encontra apoio na consolidação da extensão universitária como atividade indissociável do ensino e da pesquisa, nos termos da Constituição Federal Brasileira de 1988 (Mello, 2008). Com tal base constitucional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 foi promulgada em meio às demandas de democratização do acesso aos sistemas educacionais brasileiros, em diferentes níveis de ensino. Desde então, a integração entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão vem sendo realizada, em meio ao debate sobre o papel da universidade brasileira na produção e na difusão do conhecimento científico.

O NIASE foi criado em 2002, a partir do sonho de se criar no Brasil um grupo de pesquisa e extensão com consistência teórica, relações solidárias e compromisso de transformação social. Tendo encontrado o conceito de aprendizagem dialógica, pesquisadoras e pesquisadores, bem como estudantes concretizaram tal sonho. Esse núcleo se orienta com o objetivo fundamental de desenvolver experiências dialógicas, articulando redes de solidariedade e de conhecimento para gerar possibilidades de superação da exclusão em solo brasileiro.

Assim, o NIASE se propõe a estabelecer o diálogo igualitário, considerando que as ações coletivas podem ser racionalmente encaminhadas

com base na força dos argumentos apresentados por seus participantes e não sob a ação coercitiva de pessoas socialmente ocupantes de posição hierárquica superior. Pressupõe que as pessoas se solidarizam quando compartilham um objetivo comum, neste caso, relacionado à busca por promover maior aprendizagem e por diminuir as condições marginais de existência de algumas pessoas e/ou de alguns grupos. Portanto, a transformação do contexto de aprendizagem é vista como uma possibilidade a ser alcançada, ampliando-se também a dimensão instrumental dos conteúdos escolares e dos sociais.

Todas as ações propostas pelo núcleo estão pautadas no conceito da aprendizagem dialógica. Dessa forma, reconhece as contribuições da teoria da ação comunicativa (Habermas, 1981/2001), propondo-se a compreender as ações socialmente orientadas pela comunicação entre sujeitos, bem como as contribuições do conceito de dialogicidade (Freire, 1995/2005) e buscando o diálogo como eixo orientador para as práticas sociais e educativas. Ao emergirem da articulação entre essas teorias, além de outras contribuições que também dão base para a compreensão e a transformação social, os princípios da aprendizagem dialógica se convertem em eixo orientador para as relações internas e externas ao NIASE, com o propósito de buscar a coerência entre as palavras e as ações no âmbito da comunidade acadêmico-científica, como também em outros âmbitos sociais.

Considerando sua busca por esta coerência, o núcleo pauta suas ações em um Código Ético e um Estatuto, ambos elaborados com base em acordos coletivos em torno das relações sociais internas e com as parcerias envolvidas. O núcleo se organiza por eixos temáticos, a partir dos quais as ações são planejadas conforme a demanda dos coletivos. Além disso, reúne-se mensalmente para tratar das questões relacionadas às ações de ensino, pesquisa e extensão e quinzenalmente para estudar as referências teórico-metodológicas que embasam suas práticas.

O NIASE é formado por uma coordenação geral que organiza os estudos e as ações desenvolvidas pelo núcleo e por coordenações específicas, que apoiam os encaminhamentos relacionados com cada uma das atividades. Também são realizadas reuniões operacionais para as decisões coletivas, levando em consideração a ação-reflexão sobre o trabalho, bem como a coerência entre o discurso teórico e as práticas desenvolvidas. Para se vincularem ao grupo, professorado, profissionais

e estudantes da graduação e da pós-graduação passam por um estágio de seis meses, período em que vivenciam práticas numa das atividades junto aos coletivos envolvidos, bem como se aprofundam conhecimentos sobre o referencial teórico-metodológico em que o núcleo se apoia. Ao término do estágio, a pessoa opta por se efetivar como membro, a partir do acompanhamento de sua participação pelas coordenações.

É na diversidade interna que o NIASE também busca ampliar e enriquecer seus conhecimentos, na relação com o outro e com os seus parceiros. Trata-se da presença de mulheres e homens de diferentes níveis de ensino, idades, origens regionais, classe social, que se encontram na busca comum pela concretização de uma História como possibilidade para superar as desigualdades sociais, em que cada pessoa possa contar, recontar e criar a sua própria história. Assim, afirma-se a partir do conceito de “unidade na diversidade”, recorrendo aos aportes do educador Paulo Freire (1995/2005) para embasar suas práticas acadêmicas e sociais.

Quando digo unidade na diversidade é porque, mesmo reconhecendo que as diferenças entre pessoas, grupos, etnias, possam dificultar um trabalho em unidade, ela é possível. Mais: é necessária, considerando-se a coincidência dos objetivos por que os diferentes lutam. A igualdade nos e dos objetivos pode viabilizar a unidade na diferença. A falta de unidade entre os diferentes conciliáveis ajuda a hegemonia do diferente antagônico. O importante é a luta contra o inimigo principal (Freire, 1995/2005, p.68, grifos do autor).

Baseando-se no que afirma Freire (1995/2005), o NIASE parte do princípio de que a “estrutura condiciona a vida dos sujeitos, mas não a determina e nem ao seu comportamento, já que homens e mulheres são capazes de ação, de escolha, de comunicação, de diálogo” (Mello, 2008, p.22). Portanto, homens e mulheres podem intervir na realidade em que se encontram, pois possuem habilidades para ensinar e aprender. Ao entendermos que as aprendizagens ocorrem nas situações de interação social e que não há priorização da inteligência acadêmica sobre a prática, acentua-se a necessidade de promover situações comunicativas em que todas as pessoas tenham o igual direito de serem diferentes e de terem suas diferenças respeitadas. Assim, as diferenças não são focalizadas como dificuldades para as interações, mas como possibilidades para a elabo-

de um conhecimento mais amplo sobre si mesmo e o mundo físico e social em que vivemos.

Visando potencializar o acesso e a participação democrática na sociedade da informação, o NIASE busca parceria com órgãos públicos que atuam junto à educação escolar e não escolar, focalizando as pessoas que mais precisam de apoio para a superação das barreiras que as colocam à margem dos âmbitos sociais e econômicos. Nesse sentido, o núcleo trabalha com coletivos em situação de vulnerabilidade pessoal e social, por meio de diferentes ações que possam favorecer a mobilidade dentro da rede de relações postas em nossa sociedade.

Nessas suas ações, o Núcleo evidencia a concepção de “educação ao longo da vida”, conforme destaca Torres (2006, apud Mello, 2007), tendo em vista as transformações aceleradas da sociedade neste início do século XXI. Ao passo que a vida humana demanda formação permanente para que as pessoas se mantenham alinhadas à contemporaneidade e aos seus desafios, a dimensão instrumental ganha fundamental importância, pois os conhecimentos escolares são requisitados para a inserção e a movimentação social, notadamente os do mundo do trabalho e os da cultura letrada.

Entretanto, no contexto brasileiro, mais de 65 milhões de pessoas, com idade acima dos quinze anos, não tiveram acesso ou não permaneceram no sistema formal de ensino, conforme prescreve a legislação educacional (Galvão & Di Pierro, 2007). A escolarização das pessoas jovens e adultas brasileiras possui uma história marcada pela descontinuidade e pela marginalização no âmbito das políticas públicas. Diante disso, o NIASE optou por iniciar a busca pela concretização do conceito de aprendizagem dialógica no Brasil, na educação mais ampla desse segmento populacional, mais desfavorecido socialmente, para em seguida também se voltar à educação escolar de crianças e de adolescentes, situada em áreas mais periféricas da cidade.

Voltando-se à educação de pessoas adultas e contando com a parceria da Fundação Educacional São Carlos (FESC), no município de São Carlos, interior do estado de São Paulo/Brasil, o NIASE iniciou suas atividades em 2002, com o desenvolvimento da Tertúlia Literária Dialógica, elaborada por educandos e educadores progressistas, no contexto da Escola de La Verneda de Sant-Martí, em Barcelona (Flecha & Mello, 2005). Essa atividade se dá a partir de um encontro de pessoas interessadas em

ler um clássico da literatura nacional e internacional, tendo por base a aprendizagem dialógica. Trata-se de uma atividade social, educativa e cultural, aberta à participação de todas as pessoas que tenham interesse e disposição para compartilhar e ampliar suas aprendizagens em torno de diferentes conteúdos, concomitantemente com a possibilidade de se formar nas bases ideais de igualdade e de solidariedade.

Nessa prática, as pessoas participantes escolhem conjuntamente um livro, dentre os clássicos da literatura, combinam trechos a serem lidos e reúnem-se para compartilharem suas leituras. Suas falas são reportadas aos âmbitos de vida dos quais provêm e, por isso, devem ser respeitadas, de maneira que seja garantido o respeito à inteligência cultural de cada pessoa e potencializado o ambiente de aprendizagem intersubjetiva. Para tanto, faz-se fundamental a presença de uma pessoa moderadora e outra que a apóie, a fim de se garantir o espaço de fala de todas as pessoas participantes, com base na aprendizagem dialógica. Na prática, as pessoas participantes fazem suas inscrições para apresentarem as compreensões e/ou argumentos em torno do texto, cabendo à pessoa moderadora organizar a sequência das falas, priorizando quem falou menos, as pessoas que socialmente tem menos espaço para falar, em função de suas condições de raça², gênero, classe social, escolaridade e idade. Na dinâmica, ocorre também o registro das falas das pessoas participantes, revelando os conhecimentos compartilhados no encontro e garantindo as memórias daquele grupo. Diante disso, cabe ainda à pessoa moderadora e/ou a uma pessoa de apoio, a realização de tais anotações e a leitura da síntese no final do encontro, para que todas as pessoas possam validar a sistematização de suas aprendizagens.

Enfim, cabe enfatizar que a metodologia adotada nas tertúlias literárias dialógicas, aqui rapidamente apresentada e que concretiza a aprendizagem dialógica, torna-se inspiradora para regular todas as relações interna e externas desenvolvidas pelo NIASE, desde suas reuniões operacionais e seus grupos de estudos até as atividades de ensino, pesquisa e extensão realizadas no âmbito das comunidades acadêmicas e com as parcerias envolvidas. Depois de destacarmos a realização das primeiras tertúlias literárias dialógicas no Brasil, passamos a descrever a proposta relacionada à educação escolar de crianças e adolescentes, situada em áreas mais periféricas da cidade, como outra decisão subsequente do núcleo para buscar a concretização do conceito de aprendizagem dialógica em

São Carlos.

Vislumbrando a organização de uma instituição escolar que garanta a educação de quem nela participa, o Núcleo passa a se debruçar também sobre a divulgação de outra experiência dialógica com escolas municipais da cidade de São Carlos – SP/Brasil. Tal desafio foi concretizado por meio da parceria estabelecida com a Secretaria de Educação do município, viabilizando, em 2003, a apresentação da proposta político-pedagógica de “Comunidades de Aprendizagem”, elaborada pelo CREA, pautada no diálogo entre escolas e comunidade de entorno. Tal proposta visa uma transformação social e cultural da escola e do seu entorno, cuja implementação ocorre em duas grandes etapas. Primeiramente, temos a adesão à proposta, a qual compreende as fases de sensibilização, de tomada de decisão, de sonhos, de seleção de prioridades e de planejamento. Em seguida, o processo de consolidação, o qual implica investigação, formação e avaliação permanente. De maneira geral, as Comunidades de Aprendizagem buscam vivenciar os princípios da aprendizagem dialógica tanto nas suas relações internas quanto externas, bem como nas atividades escolares, com vistas à concretização de uma gestão mais democrática e participativa, a partir da compreensão de que a transformação não é resultado de um trabalho solitário, mas que se faz no caminho aberto pelo diálogo relacionado com as ações coletivas.

Diante da apresentação dessa proposta à rede pública municipal de ensino básico, ocorreu, em 2003, a primeira decisão de uma das escolas por passar por um processo de sensibilização, com o envolvimento de professorado, alunado, direção, funcionários e funcionárias, estudantes da universidade, familiares e pessoas da comunidade. Após conhecerem tal proposta com maior profundidade, a grande maioria dessas pessoas decidiu, em assembleia coletiva, adotar os princípios da aprendizagem dialógica para buscarem, coletivamente, práticas mais efetivas e mais dialógicas, visando uma aprendizagem maior e melhor e um convívio respeitoso nas relações internas à instituição e entre esta e a comunidade. Concomitantemente a esse processo, o NIASE também buscou interlocutores envolvidos com a educação de pessoas jovens e adultas, a fim de potencializar tal modalidade de ensino, a partir do marco teórico-metodológico adotado. Para tanto, contou com o apoio financeiro do programa de extensão da universidade de sua vinculação para iniciar, a partir de 2003, o projeto “Alfabetização de Jovens e Adultos e Inclusão Digital”,

com o objetivo central de garantir às pessoas educadoras e educandas jovens e adultas o acesso a computadores e à rede internet e de potencializar o processo de ensino e de aprendizagem da leitura e da escrita nessa modalidade de ensino (Mello et al., 2004). Por esse projeto, passaram cerca de 600 estudantes naquele ano.

Ainda em 2003, o NIASE também realizou o I Congresso Regional de Educação de Pessoas Adultas, com o objetivo principal de articular os esforços que já aconteciam no município e na região para o desenvolvimento de iniciativas nesse campo. Foram reunidas pessoas e entidades que desenvolvem trabalho nessa área, possibilitando o debate e a expansão do atendimento às necessidades e aos interesses da população adulta, em condições socialmente desfavoráveis de existência.

Ao lado das preocupações com as questões sociais e educacionais brasileiras, o NIASE também começou a buscar elementos para a produção do conhecimento acadêmico-científico na base comunicativo-crítica. Desenvolvida também pelo CREA, onde fora gerado o conceito de aprendizagem dialógica, essa metodologia propõe eliminar o desnível epistemológico entre sujeitos diante do conhecimento. Assim, os procedimentos metodológicos do NIASE para a produção científica também passaram a ser referenciados pela intersubjetividade e pela reflexão coletiva, possibilitando ampliar a compreensão em torno de objetos de conhecimento, quando submetida a diferentes perspectivas de análise.

A partir desses primeiros passos, o sonho começara a se tornar realidade, enquanto esse grupo acadêmico se configurava e se voltava não apenas à pesquisa, mas também ao compromisso com os coletivos parceiros. Rejeitava, dessa forma, o sentido de extensão tradicionalmente associado ao assistencialismo para com a comunidade, adotando o sentido de comunicação com os parceiros para, junto com mulheres, homens e crianças, pensar e empreender ações para transformar-se e transformar a própria realidade de cada pessoa envolvida, pois “não podemos pensar pelos outros nem para os outros nem sem os outros” (Freire, 1992, p.117). Assume a proposta de ação dialógica, de estar com o outro no mundo, para ensinar e aprender coletivamente, respeitando a inteligência de cada uma das pessoas com as quais se envolve e considerando-as como sujeitos de ação e de comunicação.

Desde então, as ações do NIASE vêm sendo ampliadas, com atividades atualmente distribuídas nos eixos de Comunidades de Aprendizagem e de

Educação de Pessoas Adultas, em âmbitos escolares e não escolares: formação de educadores, feminismo dialógico, tertúlia literária dialógica, alfabetização, aprendizagem dialógica. Em suma, ao longo de sua história, o NIASE também vem se transformando, enquanto se envolve com os coletivos para compartilhar conhecimentos e compreender melhor a realidade, intervindo com eles em ações que favoreçam a superação das desigualdades sociais e uma educação de qualidade para todas as pessoas. Após essa breve apresentação do NIASE e de sua articulação com o ensino, pesquisa e extensão, na próxima seção, trataremos de sua configuração atual e de alguns dos resultados decorrentes de tais atividades, no contexto acadêmico e no social.

A concretização do diálogo no contexto acadêmico e no social

Como vimos, a democratização da educação brasileira vem demandando estudos e ações concretas para a superação de desafios historicamente estabelecidos. Nesse cenário, as universidades são chamadas a participar junto à comunidade, contribuindo para alicerçar conhecimentos e práticas que efetivamente contribuam para a educação de todas as pessoas e em diferentes âmbitos formativos. Após apresentarmos a criação e o envolvimento do NIASE com ações de ensino, pesquisa e extensão, focalizaremos sua configuração atual e os principais resultados dessa proposta, pautada na busca pela concretização do conceito de aprendizagem dialógica (Flecha, 1997; Elboj et al., 2002; Aubert et al., 2009) no contexto acadêmico e no social.

Desde a primeira experiência brasileira com tertúlias literárias dialógicas, muitos espaços foram abertos por instituições da comunidade, em regiões centrais ou periféricas para a leitura de clássicos universais, entre os quais *D. Quixote de Miguel de Cervantes* e *O Discurso sobre a servidão voluntária de Etie de La Botie*, até clássicos brasileiros, como *Vida Secas de Graciliano Ramos* e *O quinze de Raquel de Queiroz*. Ao compartilharem suas leituras, as pessoas também recorrem a outras fontes de informação, tais como dicionários, atlas e enciclopédias, visando ampliar sua compreensão sobre os temas. A partir do crescente domínio da leitura e dos outros instrumentos da cultura letrada, torna-se evidente que as pessoas vão se fortalecendo para participarem em outros âmbitos coletivos, inclusive os escolarizados. No segundo semestre de 2011, os

bros do NIASE vêm participando em duas tertúlias da comunidade que são configuradas como atividades de projeto de extensão, as quais se convertem em espaços de formação prática nos princípios da aprendizagem dialógica para favorecer a reflexão coletiva na realidade externa à universidade.

Enquanto a proposta de aprendizagem dialógica se expandia, foram estabelecidas parcerias em outros âmbitos não escolares, como um centro de referência da comunidade, no qual um grupo de mulheres se reúne para dialogar em torno das preocupações emergidas de seu cotidiano. Ali, a inserção no mundo do trabalho e a geração de renda, a violência de gênero, as preocupações com a educação das novas gerações são problematizadas, de maneira que tais mulheres compartilham suas formas para superarem as dificuldades de seu contexto e para viabilizarem uma existência digna para si e para suas crianças e jovens. Com a participação nesse diálogo, as mulheres se fortalecem para afirmarem seus direitos, enquanto seres humanos.

Outras formas de divulgação dessa proposta também foram realizadas no âmbito da universidade. Destacamos a realização do II Congresso Regional de Educação de Pessoas Adultas e do I Congresso de Participantes de Educação de Pessoas Jovens e Adultas em 2005, com a presença de 80 educadores e mais de 350 educandos de educação de pessoas jovens e adultas reunidos por três dias em diferentes atividades com pesquisadores, formadores, lideranças de base, estudantes da universidade, dirigentes de governos. Ao final, foi produzido um documento de reivindicação de elementos necessários à melhoria da modalidade educativa, tal documento foi encaminhado ao conselho de educação do município de São Carlos SP/Brasil.

Também se faz notória a realização dos Seminários Relações de Gênero e Transformação Social, realizados em 2008, 2009, 2010, com a proposta de ampliar o diálogo público acerca das desigualdades de gênero e de teorias e práticas que ajudam a superá-las. Esses seminários contaram com a participação de estudantes e professoras da universidade, como também de docentes do ensino básico, líderes comunitárias vinculadas a sindicatos, cooperativas e setores da administração pública.

Quanto ao campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), destacamos uma atividade de extensão relacionada à Formação Inicial e Continuada em um dos programas do Governo Federal voltados ao aumento dos

índices brasileiros de alfabetização. Na implantação desse Programa, em 2003, o NIASE se mostrou pioneiro no Brasil, quando se dispôs a acompanhar essas ações no município em que está localizado, apresentando para isso sua proposta teórico-metodológica.

Em 2010, seu âmbito de ação foi ampliado para outro município do interior brasileiro, cuja população com mais de 15 anos de idade apresenta índice de analfabetismo de 11,7%, conforme o Instituto Brasileiro de Pesquisas Geográficas (IBGE, 2000). Ao participarem dessa proposta formativa, ao final do segundo ano dessa realização, as pessoas da gestão e as alfabetizadoras vêm mostrando como os recursos de sua realidade podem favorecer situações educativas e materiais didáticos e estimular a continuidade dos estudos escolares desta faixa da população brasileira, desde os momentos iniciais da alfabetização. Assim, também manifestam sua pretensão de compartilhar experiências com outras realidades, por meio da construção de um portal colaborativo e da participação em eventos acadêmicos e sociais nessa região do País. Em suma, ao promoverem o diálogo como potencialmente favorável ao ensino e à aprendizagem, o foco na formação docente impulsiona para a reflexão coletiva, para a elaboração e a socialização de práticas bem sucedidas, cujos reflexos se ampliam para outros contextos da escolarização brasileira.

Em relação à decisão das escolas de São Carlos por apoiar no diálogo sua proposta político-pedagógica, três escolas foram apoiadas pelo NIASE para passarem pelo processo de transformação em Comunidades de Aprendizagem. Entre as fases de sensibilização e de consolidação desse processo, destacamos as ações relacionadas à formação e à avaliação permanente no interior dessas escolas, possibilitando que as pessoas envolvidas se eduquem nos princípios da aprendizagem dialógica. Em 2006, 2008 e 2010, houve a realização de encontros para fortalecer essas escolas, ampliar a divulgação da proposta e aprofundar a compreensão sobre as práticas de aprendizagem dialógica. Nesses eventos, esteve presente um grande número de pessoas das escolas, ao lado de estudantes e docentes da universidade.

Desde 2010, a gestão pública do município incorporou a proposta como política educacional. Nesse ano, o segmento de EJA de uma quarta escola municipal também manifestou adesão a essa ideia, após sua equipe ter passado por um processo de sensibilização que mobilizou grande número de pessoas da comunidade.

Em relação à decisão das escolas de São Carlos por apoiar no diálogo sua proposta político-pedagógica, três escolas foram apoiadas pelo NIASE para passarem pelo processo de transformação em Comunidades de Aprendizagem. Entre as fases de sensibilização e de consolidação desse processo, destacamos as ações relacionadas à formação e à avaliação permanente no interior dessas escolas, possibilitando que as pessoas envolvidas se eduquem nos princípios da aprendizagem dialógica. Em 2006, 2008 e 2010, houve a realização de encontros para fortalecer essas escolas, ampliar a divulgação da proposta e aprofundar a compreensão sobre as práticas de aprendizagem dialógica. Nesses eventos, esteve presente um grande número de pessoas das escolas, ao lado de estudantes e docentes da universidade.

Desde 2010, a gestão pública do município incorporou a proposta como política educacional. Nesse ano, o segmento de EJA de uma quarta escola municipal também manifestou adesão a essa ideia, após sua equipe ter passado por um processo de sensibilização que mobilizou grande número

Em seu décimo semestre de realização, a proposta se abre em agosto de 2011 para os estudantes da Licenciatura em Pedagogia a distância, contribuindo para ampliar a divulgação do conceito de aprendizagem dialógica e viabilizar sua concretização na educação escolar de crianças, adolescentes e pessoas adultas. Vinculados a um programa do governo federal, criado em 2005 com o objetivo de ampliar as oportunidades de acesso à educação superior por meio dos recursos da internet, esses estudantes contam com uma equipe de tutores para acompanharem seus estudos, desenvolverem atividades virtuais e aprofundarem sua compreensão no sentido de comunicação e de diálogo, aqui proposto. Mensalmente, é realizada uma web conferência para promover o encontro entre participantes das Atividades Complementares Integradas de Ensino, Pesquisa e Extensão e estudantes do curso a distância, sob a coordenação da docente responsável por esse trabalho.

Com vinculação ao espaço virtual do curso de Licenciatura em Pedagogia, ainda destacamos a disciplina Práticas de Ensino: a escola como espaço de análise, pesquisa e intervenção, compondo, desde 2010, a grade formativa inicial obrigatória de estudantes da Licenciatura em Pedagogia a distância. No curso presencial, a disciplina Feminismo Dialógico também vem sendo oferecida em caráter optativo, desde 2009, abrindo-se à participação presencial de estudantes dos diferentes cursos de gradu-

e de pós-graduação da universidade brasileira. Apesar da especificidade dos temas e dos âmbitos em que são desenvolvidas, ambas propõem caminhos para o diálogo e a superação de dificuldades relacionadas à educação, pautando-se para isso no conceito de aprendizagem dialógica.

No tocante à formação inicial e continuada de educadoras e educadores de pessoas jovens e adultas, destacamos um curso de especialização em educação de jovens e adultos (CEEJA), gratuito, integralmente financiado pelo Ministério da Educação do Brasil, outra atividade de extensão desenvolvida desde novembro de 2009. Conta com a participação de docentes que atuam do Ensino Fundamental ao Ensino Superior e de gestoras(es) de sistemas escolares e de outros setores que administram as políticas públicas para a educação e para a inclusão social em outros âmbitos, como os voltados para a proteção às mulheres e para a economia solidária. Além de participantes do município, podem também ser encontrados representantes da região geográfica circunvizinha, ampliando-se as temáticas estudadas no curso e contando-se com elementos extraídos das realidades desse campo educacional.

Com atenção às especificidades dos contextos de atuação de seus participantes, após 360 horas de duração, o curso vem sendo arrematado com trabalhos acadêmico-científicos que articulam estudos e experiências de atuação. Mesmo com o final desse curso, seu alcance ainda se prolongará, em face da previsão da publicação desses trabalhos em livros e periódicos da área educacional, contribuindo para aprofundar a compreensão e as ações desenvolvidas com pessoas jovens e adultas. Ao mesmo tempo, a partir dos estudos realizados nesse curso, seus participantes se convertem em agentes de comunicação em seus diferentes âmbitos e locais de atuação.

Como resultados acadêmicos do trabalho desenvolvido pelo NIASE, pode ainda mencionar as várias formações em outras universidades brasileiras, além da produção de grande número de artigos científicos, apresentações em congressos de educação e de trabalhos de iniciação científica, de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas. Destacamos que, além de recursos para as atividades de extensão, o NIASE recebeu financiamentos de agências brasileiras para fomentar a pesquisa em torno do conceito de aprendizagem dialógica, contando com a participação de uma grande equipe composta por pesquisadores da universidade, como também de sujeitos das escolas pesquisadas. Entre 2007

e 2009, foi financiada uma grande pesquisa com o objetivo geral de identificar os aspectos transformadores e os obstáculos para as práticas dialógicas das Comunidades de Aprendizagem. Tais recursos possibilitaram a distribuição de bolsas de estudo e a aquisição de equipamentos para a coleta dos dados.

No segundo semestre de 2011, o NIASE conta com 36 membros com diferentes formações acadêmicas, como pedagogia, psicologia, engenharias e biologia. São estudantes e docentes de graduação e de pós-graduação de diferentes cursos da universidade local e de outras regiões, além de profissionais envolvidas com a escolarização básica do município e de cidades da região circunvizinha. Há, também, participação de docentes e pesquisadoras do Núcleo em outras universidades brasileiras e em país do continente africano, o que vem abrindo espaço para a criação de novos núcleos e a expansão de novas ações acadêmicas e sociais no eixo sul-sul.

Diante desse breve relato sobre os resultados das ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pelo NIASE, podemos compreender sua integração à comunidade científica internacional e sua adesão às tendências que estão apresentando maior êxito para superar o fracasso escolar e melhorar o convívio humano. Assim, com inspiração na teoria de ação comunicativa, apresentada por Habermas (1981/2001) e no conceito de dialogicidade, apresentado por Freire (1995/2005), entre outras autoras e autores, o conceito de aprendizagem dialógica (Flecha, 1997) concretiza-se no Brasil, apresentando seus impactos sobre a escolarização e a produção acadêmica brasileira e consolidando o compromisso social e político

Conclusões

Ao focalizarmos a configuração do NIASE e os principais resultados de sua proposta educativa, pudemos evidenciar que o conceito de aprendizagem dialógica (Flecha, 1997) se mostra relevante e atualizado para enfrentar os desafios apresentados pelo contexto de aceleradas transformações que caracterizam a primeira década do século XXI, no mundo e no Brasil, já que articula de maneira efetiva o global ao local, necessidade do atual contexto.

A partir do panorama educacional brasileiro, observamos que as desigualdades sociais se estendem às desigualdades de acesso ao conheci-

mento escolarizado. Embora alguns avanços sejam nítidos, percebemos que ainda há um grande caminho a percorrer no sentido de democratização do conhecimento e da escolaridade (tanto na sua produção articulando-se diferentes fontes, como na sua difusão). Assim, as propostas educativas pautadas na ação comunicativa (Habermas, 1981/2001) e na dialogicidade (Freire, 1995/2005), articuladas em torno do conceito de aprendizagem dialógica (Flecha, 1997) se mostram coerentes com os ideais de dignidade da existência humana, amplamente veiculados em nossa época.

Em meio a esses ideais, a comunidade científica ocupa importante papel, como produtora e difusora de conhecimento. Ao apresentarmos o NIASE, cuja proposta de atuação se apoia no conceito de aprendizagem dialógica (Flecha, 1997), revelamos que o reconhecimento da dignidade humana pode ser concretizado na articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Assim, os resultados de uma proposta gerada no âmbito acadêmico são ampliados para a sociedade, quando se reconhece que todas as pessoas são portadoras de conhecimento, sujeitos que se transformam enquanto transformam a realidade em que vivem.

Enfim, destacamos que o impacto da produção do conhecimento se torna possível quando pautado no compromisso social e no diálogo entre a comunidade científica e o contexto mais amplo que a envolve.

References

- Aubert, A., Flecha, A., Garcia, C., Flecha, R. & Racionero, S. (2008). *Aprendizaje Dialógico en la sociedad de la información*. Barcelona: Hipatia.
- Elboj, C. S., Puigdellívol, I. A., Soler, M. G. & Valls, R. C. (2002). *Comunidades de aprendizaje: transformar la educación*. Barcelona: Editorial GRAÓ.
- Flecha, R. (1997). *Compartiendo palabras: El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo*. Barcelona: Paidós.
- Flecha, R., Gómez, J. & Puigvert, L. (2001). *Teoría sociológica contemporánea*. Barcelona: Paidós.
- Flecha, R., & Mello, R. (2005). Tertúlia Literária Dialógica: compartilhando histórias. *CEAP. Revista Presente*, 48, 20-33.
- Freire, P. ([1995]2005). *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Editora Olho D'água.
- Freire, P. (2006). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra.
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. & Macedo, D. (2006). *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Galvão, A. & Di Pierro, M. (2007). *Preconceito contra o analfabeto*. São Paulo: Cortez.
- Habermas, J. ([1981]2001). *Teoría de la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social* (Vol. 1). Madrid: Taurus.
- Mello, R. (2008) Jesús Gómez in Brazil: Days in Spring. *International Journal of Critical Pedagogy*, 1(1), 1-4. Disponível em: <http://www.freireproject.org/ojs/index.php/home/article/viewFile/46/14>
- Mello, R. (2004). Redes de conocimiento y de solidaridad. *Cuadernos de Pedagogía. Praxis*, 341, 62-65.
- Mello, R. (2008). Metodologia Comunicativo-Crítica: avanços metodológicos e produção de conhecimento na extensão universitária. In: Araújo Filho, T. & Thiollent, M. (Eds.). *Metodologia para projetos de extensão: apresentação e discussão*. (pp. 8-39). São Carlos: Cubo Multimídia.
- Mello, R., Bento, P., Mello, M. & Reyes, C. (2004). *Alfabetização de Jovens e Adultos e Inclusão Digital*. Anais do Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte.

Notes

¹ Ao nos referirmos a essas obras fundamentais de Habermas e de Freire, indicaremos a data de publicação original, seguida da data da edição da obra usada neste artigo.

² Utilizaremos o termo *raça*, visualizando tal nomenclatura como um conceito construído socialmente e não como um dado biológico. O uso desse termo abrange toda a complexidade existente nas relações entre negros e brancos no Brasil, não nos referindo, de forma alguma, ao conceito biológico de raças humanas usado em contextos de dominação, como foi o caso do nazismo de Hitler, na Alemanha. Ao contrário, o utilizamos com a nova interpretação que se baseia na dimensão social e política do referido termo, construído a partir da análise do tipo de racismo que existe no contexto brasileiro e considerando a dimensão histórica e cultural a que este nos remete.

Francisca Constantino, Adriana Marigo & Raquel Moreira are Research fellows at the Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa - Universidade Federal de São Carlos.

Contact address: NIASE – Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas
Universidade Federal de São Carlos - Brasil. E-mail address: niase@ufscar.br